

GILSON DE MENDONÇA HENRIQUES

**AS CORRENTES
MENTO-ELETROMAGNÉTICAS
NA DESOBSESSÃO COLETIVA**

XII ENCONTRO DOS “VÍNCULOS FRATERNALIS”

BRASÍLIA-DF, 1993

À Maria das Graças, minha filha,
agradeço a sua preciosa colaboração para
a publicação deste trabalho.

Estendo esse agradecimento aos
médiuns de corrente mento-eletromagnéti-
ca, aos médiuns passistas e médiuns vi-
dentes, a todos que com sua dedicação e
amor ao próximo deram-me os subsídios
necessários à execução deste trabalho.

VÍNCULOS FRATERNALIS - MENSAGEM AOS MOÇOS⁽¹⁾

Jovens amigos:

Com o Espírito engrinaldado de esperanças, saúdo na exuberância de sua mocidade as primícias do mundo de amanhã.

Não é à toa que vocês florescem, no esplendor da força e da idade, no exato momento em que nossa decrépita civilização agoniza em lágrimas e sangue, na formidável **débâcle** dos mais nobres ideais da fraternidade e da justiça, melancolicamente afogados nos lamaçais do egoísmo e da cobiça.

Ante o orbe conturbado, que se debate no cipoal de contradições em que imergiu, são vocês, meus jovens irmãos, a sublime promessa de salvação que se levanta.

O mundo espera por vocês, o futuro lhes pertence.

Preparem-se para a gloriosa missão que lhes compete.

Arrimem-se na fé, robustecem-se mentalmente e repletem de amor seus corações, para a gigantesca batalha que os aguarda.

Estará em suas mãos poderosas e dignas a construção do novo milênio que vai abrir-se nos horizontes da Terra.

É a vocês que cumprirá extirpar deste planeta as raízes do crime, exorcizar os fantasmas da guerra e do racismo, libertar as religiões das amarras dogmáticas, eliminar os bolsões aviltantes da miséria, extinguir a corrupção dos costumes, enobrecer a política e dignificar o direito.

Se o Cristo Planetário enviou vocês a este plano da vida, renovando-lhes as possibilidades nesta hora decisiva dos destinos humanos, é porque acredita na sua coragem e no seu idealismo, na sua energia e na sua fé.

Avante, pois!

A graça de Deus os acompanha e os protege. E o meu coração, como sempre, os abraça e os abençoa.

ÁUREO

⁽¹⁾ Mensagem publicada no livro **Amor e Servir**, de autores diversos, psicografado por Hernani T. Sant'Anna, Editora FEB.

Dedico esse trabalho aos companheiros
dos “Vínculos Fraternais”.

INTRODUÇÃO

“E perguntou-lhe Jesus dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: “Legião”, porque tinham entrado nele muitos demônios”. (Lucas, cap.8, v.30)

Sobre esse episódio relatado por Lucas, Emmanuel, no livro **Desobsessão**, de autoria de André Luís (psicografia de Francisco Cândido Xavier, Ed. FEB, págs. 13 e 14), faz o seguinte comentário:

“Atendendo ao trabalho de desobsessão nos arredores de Gádara, vemos Jesus a conversar fraternalmente com o obsessivo que lhe era apresentado, ao mesmo tempo que se fazia ouvido pelos desencarnados infelizes.

Importante verificar que ante a interrogativa do Mestre, a perguntar-lhe o nome, o **médium**⁽¹⁾ consciente da pressão que sofria por parte das Inteligências conturbadas e errantes, informa chamar-se “Legião”, e o evangelista acrescenta que o obsediado assim procedia “porque tinham entrado nele muitos demônios.”

Sabemos hoje, com Allan Kardec, conforme palavras textuais do Codificador da Doutrina Espírita, no item 6 do capítulo XII, “Amai vossos inimigos”, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que “esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos que ainda se não despojaram dos instintos materiais.

No episódio, observamos o Cristo entendendo-se, de maneira simultânea, com o médium e com as entidades comunicantes, na benemérita empresa do esclarecimento coletivo, ensinando-nos que desobsessão não é caça a fenômeno e sim trabalho paciente do amor conjugado ao conhecimento e do raciocínio associado à fé.

Seja no caso de mera influência ou nas ocorrências da possessão profunda, a mente medianímica permanece jugulada por pensamentos estranhos a ela mesma, em processos de hipnose de que apenas gradativamente se livrará. Daí ressalta o imperativo de se vulgarizar a assistência sistemática aos desencarnados prisioneiros da insatisfação ou da angústia, por intermédio das equipes de companheiros consagrados aos serviços dessa ordem que, aliás, demandam paciência e compreensão análogas às que caracterizam os enfermeiros dedicados ao socorro dos irmãos segregados nos meandros da psicose, portas adentro dos estabelecimentos de cura mental.”

Desde que tomamos conhecimento da Doutrina Espírita, pelos idos de 1947, sempre comoveu-nos o infortúnio daqueles que se viam presos aos processos obsessivos. Buscar meios para aliviar os que chegavam até nós, sofridos e angustiados, era-nos preocupação constante. A prática da desobsessão individual, com a doutrinação dos espíritos infelizes ligados ao problema, embora eficiente, parecia-nos demorada, quando víamos alongarem-se as filas dos necessitados. As palavras de Emmanuel, que reproduzimos acima, instigavam-nos. Ele falava em “esclarecimento coletivo”, mas como fazê-lo? Jesus, com seu amor, havia dado o exemplo. Como segui-lo, se ainda somos tão imperfeitos e pequenos? A resposta chegou-nos um dia e é ela que gostaríamos de dividir com todos aqueles que se esforçam por socorrer a quantos procuram os centros espíritas na esperança de encontrar alívio para suas dores.

(1) Destaque nosso

Em 1969, quando presidente do **Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec**, em Brasília, recebemos dos mentores da Casa a orientação para nos dirigirmos à cidade de Palmelo com o objetivo de dar continuidade a um tratamento espiritual a que se submetiam companheiros da nossa estima pessoal. Embora sem compreender bem a orientação, uma vez que sabíamos poder encontrar na própria instituição que dirigíamos os recursos para a cura almejada, atendemos à recomendação, confiantes na sabedoria dos que nos aconselhavam.

A viagem foi uma grande surpresa.

Jerônimo Cândido Gomide, forte ainda, abraçou-nos como a um irmão e sentimos que aquele era um grande e feliz “reencontro”. Com sua maneira simples, rude e sincera, aquele discípulo de Eurípedes Barsanulfo mostrou-nos um novo caminho para o tratamento das obsessões. Tratava-se da desobsessão coletiva através da corrente magnética formada pelos médiuns.

Só então compreendemos a verdadeira razão da nossa ida a Palmelo. Naquela viagem encontrei a resposta dos bons Espíritos às nossas indagações.

Pudemos, acompanhando-o nos trabalhos que realizava entre os internos do então **Sanatório Espírita Eurípedes Barsanulfo**, ver realizar-se a proposta de Emmanuel e, de surpresa em surpresa, fomos compreendendo a beleza e a importância do método que Jerônimo Candinho havia aprendido, na juventude, com o grande missionário da Doutrina Espírita, Eurípedes Barsanulfo.

Seguindo os ensinamentos recebidos, iniciamos o trabalho de desobsessão coletiva, no **Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec**. Deixávamos de nos sentar ao redor de uma mesa, tradicional objeto em torno do qual os médiuns se colocavam, para formarmos correntes mediúnicas onde os médiuns, dando-se as mãos, fortaleciam sua capacidade magnética. Propiciando passagens rápidas pela corrente mediúnica, deixávamos de doutrinar os espíritos infelizes. Eram, aparentemente, muitas as mudanças e a natural reação não tardou a chegar.

Os companheiros, interessados no cumprimento das normas doutrinárias e acostumados aos métodos tradicionais, interpelavam-nos com gentileza:

- Dr. Gilson, será que não está errado a gente deixar de usar a mesa? Afinal, centros espíritas que seguem a orientação de Kardec são conhecidos como “centros de mesa”.

Ou então:

- Dr. Gilson, será que os Espíritos sofredores não ficam muito abandonados, já que por esse método nós não conversamos com eles, não os esclarecemos?

Pelas respostas que havíamos recebido em Palmelo, sentíamos que tais dúvidas eram infundadas. Mas era preciso que os nossos colaboradores adquirissem a mesma confiança que já possuíamos, de modo a permitir que os trabalhos se desenvolvessem em harmonia. E afinal eles tinham razão: os mentores da Casa não haviam se pronunciado!

Foi assim que pedimos uma reunião especial e reservada entre os dirigentes e os mentores do **Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec**. No dia e hora marcados pedimos, em prece, que nos fosse propiciada a orientação necessária para que pudéssemos cumprir justos desígnios e que não nos faltasse a cooperação dos bons Espíritos. Falamos das nossas esperanças e das nossas intenções. A resposta não se fez esperar.

Através da psicofonia, o dirigente maior da nossa Casa manifestou-se. Esclareceu-nos, como aliás já nos havia explicado Jerônimo Candinho, que os Espíritos sofredores, ao receberem a nossa cooperação fluídica e magnética eram beneficiados de modo a se tornarem aptos a receber ajuda espiritual. Que eles seriam levados para regiões adrede preparadas no plano espiritual e que lá receberiam toda a assistência de que necessitavam. Que a doutrinação que aqui fazíamos, demorada às vezes, seria substituída com muito maior eficácia (e autoridade moral) pela orientação dos Espíritos trabalhadores, no plano espiritual. Quanto ao abandono do uso da mesa disse:

- Se vocês acreditam que um pedaço de madeira pode ter alguma importância ou trazer algum benefício ao atendimento dos nossos irmãos desencarnados, então usem-na!

Ainda bem que a sala estava escura e todos muito compenetrados, de olhos fechados, porque senão teriam visto o nosso rubor!

Como, depois de tantos anos de estudo da Doutrina Espírita, tivéramos coragem para perguntar uma coisa dessas? Que importância poderia ter uma mesa, senão de servir de cômodo apoio para os médiuns, em caso de necessidade? É claro que até hoje a usamos, nas reuniões de orientação espiritual, nos trabalhos que exigem a escrita e outros semelhantes. Mas na desobsessão...

Logo em seguida, inúmeros outros centros de Brasília, verificando a eficácia do método, passaram a utilizá-lo, buscando em nossa Casa a orientação necessária ou indo diretamente a Palmelo aprender com o próprio Jerônimo Candinho ou com seu fiel seguidor, Bartolo Damo.

Hoje são incontáveis os centros espíritas que utilizam a corrente magnética nos tratamentos coletivos da obsessão no Distrito Federal, em Goiás, em Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, no Espírito Santo, para onde me transferi mais tarde, e por todo esse País, para onde foram aqueles que tiveram a feliz oportunidade de compartilhar conosco tão rica experiência. Por estarem ligados aos “Vínculos Fraternais” (instituto que reúne anualmente, para o estudo das práticas de assistência espiritual e social, dirigentes, jovens e membros de vários centros espíritas), citarei alguns deles:

Educandário Eurípedes Barsanulfo, fundado e dirigido pelo Dr. Maurício Crispim. Sobradinho, Distrito Federal.

Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec, fundado por Edith Maria Tamanini Henriques e dirigido pelo Dr. Gilson de Mendonça Henriques Júnior. Taguatinga, Distrito Federal.

Centro Espírita Jerônimo Candinho, fundado e dirigido pelo Professor José Miranda Filho. Sobradinho, Distrito Federal.

Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, dirigida por Nynpho de Paula Corrêa. Taguatinga, Distrito Federal.

Centro Espírita Irmão Áureo, dirigido por Joaquim Pedro Levino. Cruzeiro, Distrito Federal.

Centro Espírita Gilson Ribeiro, dirigido por Cleiton Batista dos Santos. Gama, Distrito Federal.

Grupo Espírita Regeneração, fundado por Heloisa de Freitas Galvão e dirigido pelo Dr. Joel Santana e João Damasceno. Goiânia, Goiás.

União Espírita de Jacaraípe, atualmente por nós dirigida. Jacaraípe, Espírito Santo.

O trabalho que ora apresentamos abrange aspectos doutrinários e normas aplicadas ao tratamento da desobsessão coletiva, através do método das correntes mento-eletromagnéticas ensinado e aplicado por Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento e por Jerônimo Cândido Gomide, em Palmelo.

É uma iniciativa de caráter particular que visa a cooperar com a decisão tomada pelos dirigentes dos “Vínculos Fraternais” de dar maior divulgação aos trabalhos de desobsessão coletiva por corrente mento-eletromagnética.

No cumprimento dessa decisão os “Vínculos Fraternais” farão publicar, brevemente, valioso trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvida, com a colaboração do Prof. Wagner Castilho, pelo confrade Dr. Maurício Crispim. Esse último, devo registrar, em muito me auxiliou, através de exposições sobre o tema, à compreensão dos mecanismos das correntes mediúnicas.

Esperamos que o nosso relato e a pequena pesquisa que o acompanha possam auxiliar na compreensão do método da desobsessão coletiva e servir de incentivo a quantos desejem praticá-la, na certeza de que os preceitos defendidos por Allan Kardec são respeitados na sua íntegra.

Jacaraípe, outubro de 1993

GILSON DE MENÇONÇA HENRIQUES

I

DISTÚRBIOS PSÍQUICOS E OBSESSÃO

JESUS SOCORRE OS ATORMENTADOS (1)

“E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados”. (Atos, 5:16)

“A igreja cristã dos primeiros séculos não estagnava as idéias redentoras do Cristo em prataria e esplendores do culto externo.

Era viva, cheia de apelos e respostas.

Semelhante a ela, o Espiritismo evangélico abre hoje as suas portas benfeitoras a quem sofre e procura caminho salvador.

É curioso notar que o trabalho enorme dos espiritistas de agora, no socorro às obsessões complexas e dolorosas, era da intimidade dos apóstolos. Eles doutrinavam os espíritos perturbados, renovando pelo exemplo e pelo ensino, não só os desencarnados sofredores, mas também os médiuns enfermos que lhes padeciam as influências.

Desde as primeiras horas de tarefa doutrinária sabe a alma do Cristianismo que seres invisíveis, menos equilibrados, vagueiam no mundo, produzindo chagas psíquicas naqueles que lhes recebem a atuação, e não desconhece as exigências do trabalho de conversão e elevação que lhe cabe realizar; os dogmas religiosos, porém, impediram-lhe o serviço eficiente, há muitos séculos.

Em plena atualidade, todavia, ressurgem os quadros primitivos da Boa Nova.

Entidades espirituais ignorantes e infortunadas adquirem nova luz e roteiro novo, nas casas de amor que o Espiritismo cristão instituiu, vencendo preconceitos e percalços de vulto.

O tratamento de obsessões, portanto, não é trabalho excêntrico, em nossos círculos de fé renovadora. Constitui simplesmente a continuidade do esforço de salvação aos transviados de todos os matizes começando nas luminosas mãos de Jesus.”

EMMANUEL

Iniciamos as reflexões deste estudo com as palavras simples mas profundamente esclarecedoras de Emmanuel, com vistas a demonstrar que o tratamento das obsessões é de extrema importância para que o Espiritismo cumpra, entre os sofredores encarnados e desencarnados, o papel de Consolador que lhe foi destinado. Mentes conturbadas, espíritos angustiados, não podem compreender as maravilhas da vida espiritual reveladas pela Doutrina Espírita sem antes receberem o apoio que lhes devolva o equilíbrio do raciocínio.

Temos a intenção, conforme já dissemos, de demonstrar a eficácia do tratamento coletivo da obsessão através das correntes mento-eletromagnéticas.

(1) Emmanuel, do livro **Pão Nosso**, psicografado por Francisco Cândido Xavier, capítulo 70, pág.363, Ed. FEB.

A desobsessão nos moldes tradicionais e aplicada até poucos anos atrás em todos os centros espíritas merece o nosso respeito e reconhecimento pelos grandes benefícios que trouxe e prossegue realizando. Sua utilidade sempre foi posta a prova e recebeu da espiritualidade dirigente apoio doutrinário, como atesta o livro **Desobsessão**, da autoria de André Luis (psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB). Essa obra, reverenciada por todos os estudiosos da Doutrina Espírita, em nenhum de seus capítulos deixa de merecer nosso respeito, estudo e meditação. A desobsessão individual, endossada pelo grande Espírito André Luis, ali disciplinada e estruturada, representa valiosa contribuição para o prosseguimento de sua aplicação, por todos os títulos benemérita.

A desobsessão coletiva, entretanto, embora pouco divulgada, não é uma prática nova. Sua origem remonta aos trabalhos desenvolvidos em Sacramento pelo grande apóstolo do Espiritismo no Brasil, Eurípedes Barsanulfo. Foi difundida por Jerônimo Cândido Gomide, seu discípulo, em Palmelo, cidade espírita que fundou em Goiás, e onde ainda hoje é empregada em larga escala sob a direção de Bartolo Damo, seu fiel seguidor. A autoridade moral desses trabalhadores dentro da seara espírita avalia o método que a prática demonstra eficaz.

Para melhor compreensão do método a que estamos dando uma divulgação mais ampla, evidentemente sem a exclusão do mais tradicional, trataremos ao estudo aspectos históricos e personalidades importantes ao contexto em que nos situamos.

II

ASPECTOS HISTÓRICOS

O GRANDE INOVADOR: PINEL

Até o século XVIII, as pessoas que se viam às voltas com distúrbios mentais eram tratadas, por ignorância, de maneira que hoje podemos considerar cruel. Embora nos dias atuais ainda encontremos situações de grande incompreensão no tratamento dos portadores de distúrbios psíquicos e que se encontram retidos em manicômios, os métodos de terapia para esses pacientes começaram a modificar-se a partir dos trabalhos realizados por Pinel. Senão, vejamos:

“Pinel, médico francês, nasceu em Saint’André D’Alayrac, Tarn, a 20 de abril de 1745, e morreu em Paris a 25 de outubro de 1826. Para se instruir traduziu obras de medicina e deu aulas de matemática. Chefiou os serviços médicos do manicômio de Bicêtre a partir de 1793. Em 1795 passou a ocupar idêntico posto no hospital da Salpêtrière.

Pinel é um dos precursores da Psiquiatria moderna, ramo da medicina a que se dedicou após a tragédia de um amigo seu que, tendo enlouquecido, fugiu para a floresta onde foi devorado por lobos.

À frente dos serviços médicos do hospício de Bicêtre revolucionou os métodos de tratamento dos doentes mentais. Mandou que fossem libertados pacientes que, em alguns casos, se achavam acorrentados há vinte ou trinta anos. Proibiu a prática de tratamentos antiquados como a sangria, os vomitivos e purgantes. Na Salpêtrière prosseguiu a adoção de métodos humanitários que o tornaram um pioneiro da psicoterapia moderna.

Pinel retirou as doenças mentais do terreno das superstições e credices a que, até o seu tempo, se encontravam relegadas, mostrando que tais enfermidades decorriam de **alterações patológicas do cérebro.**” (Enciclopédia Mirador Internacional, volume 16)

ALLAN KARDEC: UMA NOVA LUZ

Se aceitarmos que a providência divina atua constantemente para auxiliar o progresso da humanidade, podemos considerar que o trabalho pioneiro de Pinel preparou o caminho para a compreensão que mais tarde a Doutrina Espírita viria trazer ao estudo dos distúrbios mentais, evidenciando que tais enfermidades não eram, em sua maioria, provenientes de “alterações patológicas do cérebro”.

Allan Kardec, com a publicação de **O Livro dos Espíritos** em 18 de abril de 1857, veio revelar aos homens de boa vontade que os Espíritos não só influenciam a vida dos homens, como freqüentemente conduzem a sua ação de maneira bem mais intensa do que podíamos imaginar (**Livro dos Espíritos**, perguntas nº 456/457).

A sua preocupação com o assunto e com a possibilidade de os Espíritos sofredores, vingativos ou perseguidores, atingirem os encarnados revela-se em todos os livros que veio a publicar e foi tema de muitos artigos incluídos na **Revue Spirite**, editada sob a sua direção.

Entre os episódios e comentários feitos por Kardec, existe um especialmente interessante para as nossas reflexões por se tratar de um processo de obsessão coletiva ou uma “epidemia” de obsessões que atingiu os moradores de uma pequena cidade francesa, Morzine, situada na Alta Savóia. Aí ficou evidenciada a impotência dos métodos religiosos e da ciência oficial frente à enfermidade. No texto que iremos reproduzir a seguir (**Revista Espírita** de 1864, agosto, pág. 225, Editora Edicel) Kardec, entre outras análises, comenta sobre a necessidade de se conhecer a causa para bem combater os sintomas e identifica as razões pelas quais no atendimento aos “possessos de Morzine” tanto falharam a medicina como a religião tradicionais. Faz, também, a diferenciação entre a patologia material e a patologia espiritual, de grande valor para quantos se interessam pelas afecções mentais.

“NOVOS DETALHES SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE”

“Na **Revista Espírita** de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, demos um relato circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzine, Haute-Savoie, e demonstramos a ineficiência dos meios empregados para a combater. Posto o mal jamais tenha cessado completamente, tinha havido uma espécie de parada. Vários jornais, bem como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com nova intensidade. **O Magnétiseur**, jornal do magnetismo animal, publicado em Genève pelo Sr. Lafontaine, em seu número 15 de maio último, faz este relato:

“A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos casebres vizinhos, situados entre as montanhas da Haute-Savoie, ainda não cessou a sua devastação. O Governo francês, desde que a Savoie lhe pertence, preocupou-se com o caso. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores dos hospícios de alienados, etc., a fim de estudar a natureza e observar a marcha da doença. Tomaram algumas medidas, tentaram o

deslocamento e transportaram as moças doentes para Chambéry, Annecy, Thoron, etc. Mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios; mau grado o tratamento médico, as curas foram pouco numerosas; e quando as moças retornam à casa recaem no mesmo estado de sofrimento. Depois de, inicialmente, haver atingido as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de família e às senhoras idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; contudo, custou a vida de um. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde dizia não poder sair; ali ficou um mês sem se alimentar; morreu de esgotamento, inanição, vítima da imaginação ferida.

Os enviados do Governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras coisas, declarava que o pequeno número de curas realizadas naquela população eram devidas ao magnetismo por mim empregado em Genève, em moças e senhoras que me haviam trazido em 1858 e 1859.

Nossos leitores sabem que o flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzine e, o que é mais desagradável, por seus guias espirituais, ao poder do demônio, se manifesta naqueles que são tomados por convulsões violentas, acompanhadas de gritos, de perturbações do estômago e gestos da mais impressionante ginástica, sem falar dos juramentos e de outros processos escandalosos, de que os doentes se tornam culpados, quando os obrigam a entrar numa igreja.

Conseguimos curar vários desses doentes, que não sofreram outros ataques enquanto moravam longe das influências prejudiciais do contágio e dos Espíritos feridos de sua terra. Mas em Morzine o horrível mal não cessou de fazer devastações entre essa população infeliz: ao contrário, o número das vítimas foi crescendo. Em vão prodigalizaram preces e exorcismos; em vão levaram os doentes para hospitais de várias cidades distantes; o flagelo que, em geral, ataca mocinhas, cuja imaginação é mais viva, se encarniça contra a sua presa, e as únicas curas constatadas são as operadas por nós, das quais fizemos um relato em nosso jornal.

Enfim, baldos de meios, quiseram tentar um grande golpe: Monsenhor Maguin, Bispo de Annecy, anunciou, finalmente, que iria a Morzine, tanto para crismar os habitantes que ainda não haviam recebido esse sacramento, quanto para ensinar os meios de vencer a terrível doença. A boa gente da aldeia esperava maravilhas dessa visita.

Ela ocorreu sábado, 30 de abril e domingo, 1º de maio e eis as circunstâncias que a marcaram.

No sábado, pelas quatro horas, o prelado aproximou-se da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado por grande número de padres. Tinham procurado reunir os doentes na Igreja; alguns tinham ido à força. – Desde que o bispo pisou em terras de Morzine -, diz uma testemunha ocular, “sentindo que ele se aproximava, os possessos foram tomados de convulsões as mais violentas; e, em particular, as que eram mantidas na Igreja soltavam gritos e urros, que nada tinham de humano. Todas as moças, que em diversas épocas, tinham sido atingidas pela doença, sofreram a sua volta e viram-se diversas, que há cinco anos não eram atingidas, vítimas do mais medonho paroxismo dessas crises horríveis.” O próprio Bispo empalideceu ao ouvir os urros que acolheram a sua chegada. Não obstante, continuou a avançar para a Igreja, mau grado a vociferação de alguns doentes que haviam escapado das mãos de seus guardas para se atirarem à sua frente, injuriando-o. Ele apeou-se à porta do templo e entrou com dignidade. Apenas

acabou de entrar, a desordem redobra. Então foi uma cena verdadeiramente infernal.

As possessas, cerca de setenta, com um único rapaz, injuriavam, rugiam, saltavam em todos os sentidos; isto durou horas; e quando o prelado quis fazer o crisma, o furor redobrou, se possível. Tiveram que as arrastar para junto do altar; sete ou oito homens tiveram que reunir esforços para vencer a resistência de algumas; os policiais deram mão forte. O Bispo devia partir às quatro horas; às sete da noite ainda estava na Igreja, onde não lhe puderam trazer três doentes; conseguiram arrastar duas, arquejantes, com espuma na boca, blasfêmias nos lábios, até junto do Bispo. A última resistiu a todos os esforços; vencido de fadiga e de emoção ele teve de renunciar a lhe impor as mãos: saiu da igreja trêmulo, desequilibrado, as pernas cheias de contusões recebidas das possessas, enquanto estas se agitavam sob sua bênção.

Saiu da aldeia deixando aos habitantes boas palavras, mas sem lhes esconder a profunda impressão de estupor que havia experimentado em presença de um mal, que não podia imaginar tão grande. Terminou confessando que não se tinha sentido bastante forte para conjurar a chaga que tinha vindo curar e prometendo voltar, ao menos munido de poderes maiores.

Não fazemos hoje nenhuma reflexão: limitamo-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez no próximo número digamos tudo quanto para nós eles representam de penoso.

CH. Lafontaine”

Após transcrever esse relato, Allan Kardec comenta:

“A ciência aí se perde – eis uma confissão de impotência. Então, o que é que farão os médicos? Já os enviaram e muito capacitados! Dizem que vão mandar especialistas. Mas como estabelecer sua especialidade numa afecção cuja natureza não se conhece, e na qual a ciência se perde? Concebe-se a especialidade dos oculistas para as afecções dos olhos, dos toxicologistas nos casos de envenenamento. Mas aqui, em que categoria serão tomados? Entre os alienistas? Muito bem, se for demonstrado que é uma afecção mental. Mas os próprios alienistas fracassaram: nem estão de acordo quanto à causa nem quanto ao tratamento. Ora, desde que a ciência aí se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões. É verdade que lhes vão juntar uma força armada. Mas já empregaram este meio sem sucesso. Duvidamos muito que desta vez haja sucesso.

Se desta vez, a ciência falha, é que não está no caminho certo. Que há para admirar? Tudo revela uma causa moral; e enviam homens que só acreditam na matéria; procuram na matéria e aí nada encontram. Isso prova superabundantemente que não procuram onde é preciso. Se se querem médicos especialistas, que os escolham entre os espiritualistas e não entre os materialistas; ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.

A religião não foi mais feliz: usou suas munições contra os diabos, sem poder chamá-los à razão. Então os diabos são os mais fortes, a menos que não sejam diabos. Os choques constantes, em casos semelhantes, provam uma de duas coisas: ou que ela não está certa, ou é vencida por seus inimigos. O mais claro de tudo isto é que nada do que empregaram deu resultado e não terão melhor resultado enquanto se obstinarem em não buscar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas demonstra com verdadeira evidência estar na ação

do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a ciência falha pela razão de que se ataca o efeito e não a causa. Numa palavra, é o que o Espiritismo designa pelo nome de obsessão, levada ao mais alto grau, isto é, de subjugação e de possessão. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessivo; é então, sobre este que se deve agir, como nas convulsões ocasionadas pelos vermes, se age sobre os vermes.

Dirão que o sistema é absurdo. Absurdo para os que nada admitem fora do mundo tangível, mas muito positivo para os que constataram a existência do mundo espiritual e a presença de seres invisíveis em torno de nós. Aliás, o sistema é baseado na experiência e na observação, e não numa teoria preconcebida. A ação de um ser invisível malévolos foi constatada numa porção de casos isolados, tendo completa analogia com os fatos de Morzine, de onde é lógico concluir seja a mesma causa, desde que os efeitos são semelhantes, a diferença está nos números. Todos os sintomas, sem excessão, observados nos doentes daquela localidade, o foram em casos particulares de que falamos. Ora, desde que libertaram os doentes atingidos pelo mesmo mal, sem exorcismos, sem medicamentos e sem polícia, o que faz alhures poderia ser feito em Morzine.

Se assim é perguntarão por que os meios espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis a razão:

A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de uma natureza perversa e voltados eternamente ao mal, por isso imperfectíveis. Com essa idéia ela não procura melhorá-los. Ao contrário, o Espiritismo reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra e que após a morte, povoam o espaço; nesses números há os bons e maus, com entre os homens; dos que se compraziam, em vida, em fazer o mal, muitos se comprazem, ainda, após a morte. Mas, por isto mesmo que pertencem à humanidade, estão submetidos à lei do progresso e se podem melhorar. Não são, pois, demônios, no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfectos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e a moral. Daí uma porção de afecções que não têm sede no organismo, loucuras aparentes, refratárias a qualquer medicação. É um novo ramo da patologia, que se pode designar pelo nome de patologia espiritual. A experiência ensina a distinguir os casos desta categoria dos que pertencem à patologia orgânica.”

OBSESSÃO OU LOUCURA?

Bezerra de Menezes, o querido Espírito de todos quanto labutam na Doutrina, também ensinou sobre o tema no livro **Loucura Sob Novo Prisma** que escreveu quando encarnado (Editora FEESP) do qual selecionamos um trecho para a nossa análise:

“Levados pelo princípio, que julgam ser uma lei natural, de que toda a perturbação do estado fisiológico do ser humano procede invariavelmente de uma lesão orgânica, os homens da ciência têm, até hoje, como verdade incontroversa, que a alienação mental, conhecida pelo nome de – loucura –, é efeito de um estado patológico do cérebro, órgão do pensamento, para uns, glândula secretora do pensamento, para outros.

Nem os primeiros, nem os segundos explicam sua maneira de compreender a ação do cérebro, quer em relação à função em geral, quer em relação à sua perturbação, no caso da loucura.

Neste ligeiro trabalho, proponho-me, além do mais, a preencher essa lacuna, demonstrando, com fatos de rigorosa observação: 1º, que o pensamento é pura função da alma ou espírito, e, portanto, que suas perturbações, em tese, não dependem de lesão do cérebro, embora possam elas

concorrer para o caso, pela razão de ser o cérebro instrumento das manifestações, dos produtos da faculdade pensante.

Efetivamente, mesmo quando a alma esteja no pleno exercício daquela faculdade, uma vez que o cérebro padeça de lesão orgânica que o torne instrumento incapaz da boa transmissão, dar-se-á o caso da loucura, como dar-se-á o da cegueira, quando o olho, instrumento da visão, sofrer lesão que tolha a passagem do raio luminoso.

Este caso de lesão cerebral explica a loucura, a que chamarei – científica – porque é a conhecida pela Ciência, mas eu demonstrarei; 2º, que a loucura, perfeitamente caracterizada, pode-se dar – e dá-se mesmo, **em larga escala**(1), sem a mínima lesão cerebral, o que prova que o cérebro não é o órgão do pensamento – e, menos que tudo, seu gerador ou secretor; e prova mais que, assim como o mau estado do instrumento de transmissão determina o que chamamos – alienação mental –, embora em perfeito estado se ache a fonte do pensamento, assim, por igual, o mau estado desta determina a alienação, embora esteja são o instrumento da transmissão.

Toda a questão se resume em provar-se fundamentalmente: que há loucos cujo cérebro não apresenta lesão orgânica de qualidade alguma.

Feito isto, fica perfeitamente claro que a loucura não é um caso patológico invariável em sua natureza, mas um fenômeno mórbido de duplo caráter: material e imaterial.

Quando é conseqüente da afecção do cérebro, que lhe perturba a transmissão, fazendo-a desordenadamente, tem o caráter material ou orgânico.

Quando resulta de algo que afeta a faculdade pensante, origem natural do pensamento que, por isso, emana viciado da fonte, tem o caráter imaterial e fluídico, que demonstrarei; 3º, podendo ser, também, resultante da ação fluídica de Espíritos inimigos sobre a alma ou Espírito encarnado no corpo.

Em oposição à denominação de **loucura científica**(2), com que designei a que representa o primeiro caráter, designaria esta segunda espécie pela denominação de – **loucura por obsessão**(3) –, isto é, por ação fluídica de influências estranhas, inteligentes.”

Na mesma **Introdução**, mais adiante, diz Dr. Bezerra de Menezes, certamente buscando a confirmação da ciência oficial à sua tese:

“O célebre alienista Esquirol atesta a existência de casos, por ele observados, de loucura sem a mínima lesão cerebral – e essa afirmação do ilustre sábio é robustecida pela observação de outros não menos considerados no mundo científico”.

Está, pois, verificado que há loucura com e sem lesão cerebral; e portanto, que há dois casos bem distintos de loucura – ou que há loucura de duas espécies.” Aí está. Como nos mostra Bezerra de Menezes, existe, tanto do ponto de vista científico oficial como à luz dos ensinamentos oferecidos pelos bons Espíritos, a loucura ocasionada por lesão cerebral e aquela em que não se encontra nenhuma causa física a justificá-la. É essa última que mais diretamente interessa aos estudiosos e trabalhadores da Doutrina Espírita, por se identificar com os quadros que Allan Kardec definiu como “obsessão”.

Tais perturbações, hoje constatadas nas inquietantes influências que atingem coletivamente grandes contingentes humanos, pelas próprias características dos tempos em que vivemos, encontrarão nos padrões da desobsessão coletiva ensinada por Eurípedes Barsanulfo um meio rápido e eficiente para beneficiar as multidões de aflitos que procuram os centros espíritas nos dias de hoje.

(1) Destaque nosso

(2) Destaque nosso

(3) Destaque nosso

EURÍPEDES BARSANULFO, O APÓSTOLO DA CARIDADE

Na apresentação desse trabalho disse que havia tomado conhecimento do método de desobsessão coletiva por corrente magnética em Palmelo, junto a Jerônimo Candinho, discípulo de Eurípedes Barsanulfo que o havia exemplificado. Àqueles que não conhecem a vida e a obra desse, não canso de repetir, grande missionário da Doutrina Espírita, recomendo que o façam. A leitura das obras que relatam sua passagem entre nós, plena de episódios memoráveis, alimenta nossa alma com seus exemplos edificantes.

Para que o leitor, entretanto, tenha idéia da grandeza espiritual de Barsanulfo, reproduziremos a seguir o relato feito pelo Espírito Hilário Silva através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, no livro **A Vida Escreve**, Ed. FEB, 2ª edição, 1963, Cap. 27, sob o título “Visão de Eurípedes”:

“Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no Estado de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem que meditava, envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...

Houve, porém, um momento em que estacou trêmulo.

Algo lhe dizia no íntimo para que não avançasse mais...

E num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ao seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem d’Ele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Transpassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o amigo Sublime.... Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

- Senhor, por que choras?

O interpelado não respondeu.

Mas desejando certificar-se de que era ouvido Eurípedes reiterou:

- Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

- Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até à morte.”

Não há quem não se comova ante esse relato, que escolhemos, entre tantos outros, por ser um depoimento dado pelos bons Espíritos e endossado pela mediunidade fiel de Francisco Cândido Xavier. Mas, com o objetivo de evidenciar a utilização das correntes magnéticas nos trabalhos de desobsessão realizados por Eurípedes Barsanulfo, iremos transcrever trecho do depoimento dado pelo Dr. Thomaz Novelino e publicado no livro **Eurípedes, o Homem e a Missão**, pág. 98, de autoria de Corina Novelino, editado pelo Instituto de Difusão Espírita. Thomaz Novelino, fundador do Educandário Pestalozzi, em Franca, foi aluno do Colégio Allan Kardec fundado por Barsanulfo e conta sobre suas memórias:

“Os trabalhos espíritas se realizavam duas vezes por semana e à noite.

Após a leitura de um trecho de uma obra da Doutrina, Eurípedes saía de sua mesinha e vinha ocupar o seu lugar na **corrente de concentração** (4) e dos médiuns que formavam círculo, no centro do Salão. De pé, o mestre dirigia profunda e sentida prece, iniciada sempre pelo Pai Nosso e rematada por oração improvisada de adoração e evocação. Terminada a oração, **sentava-se de mãos dadas, formando a corrente** (5).”

Esse depoimento corrobora a afirmativa de Jerônimo Candinho que sempre declarou haver aprendido com Barsanulfo o método de desobsessão que empregava em Palmelo.

JERÔNIMO CANDINHO: UM PIONEIRO

Para os que não conhecem Jerônimo Candinho, utilizaremos trechos do livro **De Sacramento a Palmelo**, Edições Correio Fraternal, de autoria de Agnelo Morato, cujo pai foi aluno de Eurípedes e do Colégio Allan Kardec.

(4) Destaque nosso.

(5) Destaque nosso.

“Jerônimo Cândido Gomide nasceu em Sacramento, MG, no ano de 1888 (...). Aluno muito estimado de Eurípedes Barsanulfo, colaborou intensamente no programa administrativo do Colégio “Allan Kardec”, da cidade de Sacramento” (pág. 94).

Jerônimo Cândido Gomide (Seu Candinho), conhecido e lembrado no apreço de sertanejos do Brasil Central, retemperou suas energias com a fibra de forte. Esse tratamento, “Seu Candinho”, tão popular quanto carinhoso, lhe envolvia o físico atlético de uma aura singular. Verdadeiro desbravador do Estado de Goiás, desde a década de 1920, época em que seu pulso de moço idealista se conduzia, também, por um coração magnânimo. Orgulhava-se por ter sido discípulo de Eurípedes Barsanulfo, e suas atividades espíritas devem permanecer em nossa lembrança como lição de tenacidade e otimismo” (págs. 91 e 92).

Conforme conta Agnelo Morato, em 1919, Jerônimo Candinho, por orientação direta de Eurípedes Barsanulfo, que pouco antes de desencarnar alertou-o sobre o trabalho que deveria desenvolver em Goiás, mudou-se com a família para aquele Estado. Em 1936 adquiriu a propriedade da “Fazenda Palmela”, nas proximidades de Santa Cruz de Goiás, onde montou um armazém de secos e molhados e, acima desse local, construiu o **Centro Espírita Luz da Verdade**. Dentro de suas propriedades iniciou-se, sob sua inspiração, a formação do que mais tarde seria a cidade de Palmelo. Logo construiu o Sanatório Espírita e fundou o Colégio Eurípedes Barsanulfo. E continua:

“Até 1956 a Cidade Espiritista do Brasil Central não possuía cadeia nem destacamento policial. “Seu Candinho” mantinha posição de conselheiro e amigo de todos e o único templo religioso ali existente era o **Centro Espírita Luz da Verdade**. O tratamento dos obsediados do Sanatório, dirigido por ele, orientava-se por suas convicções” (págs. 93 e 94).

Em todas as iniciativas a que se entregou no sertão de Goiás, num meio hostil e reacionário, sentiu constantemente a presença e a cobertura desse Apóstolo do Brasil Central (6), a inspirar-lhe e dar-lhe bom ânimo no seu propósito de ensinar e esclarecer consciências à Luz d’O Evangelho Segundo o Espiritismo” (pág. 94).

(6) Refere-se a Eurípedes Barsanulfo

III

DESOBSESSÃO COLETIVA EM PALMELO

UM GRANDE MOMENTO

Agora que já se disse algo sobre Eurípedes Barsanulfo e Jerônimo Candinho, iremos relatar o que presenciamos em nossa primeira visita a Palmelo, no que diz respeito ao tratamento coletivo das obsessões.

Conforme contamos na apresentação deste trabalho, ao encontrarmos-nos com Jerônimo, estabeleceu-se entre nós uma forte simpatia. Isto entretanto não nos livrou de receber uma grande lição, útil para o resto de nossa vida e que temos procurado não só colocar em prática, mas também advertir a quantos possamos sobre a sua importância: o valor da pontualidade.

Candinho recomendou-nos que fôssemos ao Sanatório para observar os trabalhos de desobsessão, indicando-nos a hora em que deveríamos comparecer.

Aproximamo-nos do local supondo-nos no horário, já que para nós, àquela época, 5 minutos a mais ou a menos não faziam diferença. De longe podíamos ver a porta aberta e a suave movimentação dentro do prédio. A nossa curiosidade estava aguçada, o coração batia mais forte. Apressamos o passo e oh! Que decepção: enquanto subíamos as escadas que levavam ao recinto, um auxiliar de Candinho olhou-nos, fez um gesto de desculpas e fechou a porta!

Voltamos encabulados para o hotel em que nos hospedávamos. Acaso não podiam ter nos esperado só um pouquinho? Mais tarde Jerônimo explicou:

- Será que o irmão já pensou que os Espíritos trabalhadores do bem também têm horário e muitas obrigações a cumprir? Será que devem ficar nos aguardando ou devemos nos esforçar para chegar cedo, preparando o nosso coração e a nossa mente para os benefícios do momento?

No dia seguinte lá estávamos nós, prontos e compenetrados, bem antes do horário marcado!

Eis o que vimos, então:

Em grande salão adornado com retratos de Eurípedes Barsanulfo e Bezerra de Menezes, pude observar os bancos colocados ao longo de duas paredes. No vértice formado por elas, tomava lugar Jerônimo Candinho. Os bancos situados ao seu lado esquerdo estavam ocupados por médiuns do sexo feminino (aproximadamente 40). Os do lado direito, por médiuns do sexo masculino (cerca de 30). Todos aguardavam, atentos, o término da leitura feita por um dos presentes, de um trecho de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** que antecedia ao início das atividades.

A um sinal feito por Candinho iniciou-se a entrada, no salão, dos pacientes que receberiam o tratamento. Podíamos observar que ali estavam reunidos obsediados dos tipos mais diversos: eram homens e mulheres desfigurados exteriorizando na face a angústia e o desespero que os dominavam. Alguns deles se encontravam sob o controle de auxiliares fortes e preparados, o que não impedia, entretanto, que algumas mulheres rasgassem suas vestes. Por todo o ambiente o vozerio das lamentações e a inquietação desconcertante dos doentes.

Tranqüilo, Jerônimo recomendou que se iniciasse nova leitura de texto do Evangelho, escolhido por ele naquele momento.

Com o início da leitura o ambiente turbilhonado modificou-se surpreendentemente. Fez-se silêncio. Os obsediados acalmaram-se e podia-se ouvir o som produzido pelo voar de um inseto que circulava procurando saída.

CENAS COMOVEDORAS

Pudemos observar que os médiuns, então, deram-se as mãos formando, o que mais tarde viria compreender, a corrente mento-eletromagnética, nos moldes da “corrente de força” descrita por André Luís, no livro **Missionários da Luz**, como veremos adiante. Pacientes foram colocados à frente dos médiuns.

Jerônimo, após atender ao cumprimento desses detalhes preparatórios, passou a comandar a passagem dos espíritos sofredores pela corrente mediúnica, usando a expressão “passem”, repetida algumas vezes, entre ligeiros intervalos.

Sua atitude, como percebemos, entrava em perfeita sintonia com a direção espiritual dos trabalhos que, por sua vez, atuava em ação sincronizada com os trabalhadores encarnados.

No desdobrar da reunião, Jerônimo e um médium vidente destacado para auxiliá-lo, procuravam observar a natureza das entidades sofredoras ali trazidas e o comportamento ou reações dos médiuns que compunham a corrente.

Por vezes o auxiliar solicitava a repetição da “passagem” e em outras destacava algum enfermo para posterior atendimento individual.

A retirada das entidades se verificava após cada uma das “passagens”, usando o dirigente, para esse efeito, a expressão de comando “sigam”, repetida algumas vezes, consecutivamente.

Segundo fomos esclarecidos, dessa operação mento-eletromagnética resulta que os espíritos obsessores são conduzidos à colônia espiritual a qual se liga o grupo de trabalho encarnado.

Impressionante! Os loucos ou os semiloucos, emudecidos, aliviados, reconfortados, disciplinadamente regressavam às suas acomodações de internos.

Eurípedes Barsanulfo e Jerônimo Cândido Gomide realizaram o sonho que Pinel acalentava ao reformular os terríveis processos de tratamento dispensados aos pacientes de Bicêtre e Salpêtrière. Mas, antes, percorreram os caminhos indicados por Kardec, identificando como espiritual e combatendo com discernimento a causa dos males que afligiam os que a eles chegaram perturbados.

IV

MAGNETISMO E DOCTRINA ESPÍRITA

ESTRANHA ASSOCIAÇÃO?

“O Espiritismo não é, pois, senão o magnetismo espiritual e o magnetismo não é outra coisa senão o Espiritismo humano.”

Estas palavras podem soar estranhas aos ouvidos de quem ainda não tenha meditado sobre o assunto e, talvez, alguém em as lendo, perguntasse imediatamente:

- Quem as proferiu?

A resposta é simples: Allan Kardec afirmou e publicou este conceito na famosa Revue Spirite (Revista Espírita – 1867 – pág. 191 – Editora EDICEL).

Início este capítulo com o esclarecimento de Kardec porque o método da desobsessão coletiva que adotamos utiliza o que chamamos de “correntes magnéticas”. Daí a preocupação de demonstrar, como tentaremos a seguir, que tal método não contradiz os ensinamentos de Allan Kardec e, pelo contrário, representa o atendimento às instruções espirituais mais elevadas.

Vejamos, portanto, algumas reflexões feitas por Allan Kardec e publicadas na Revista Espírita – 1858 – Editora EDICEL.

“O Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos, como ciências solidárias.

Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo quer como meio de cura, quer como causa primária de uma porção de coisas: defendem a sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra os seus inimigos. Os fenômenos espíritas têm aberto os olhos de muita gente, aliando estas pessoas ao magnetismo.” (pág. 191)

“Quando apareceram os primeiros fenômenos espíritas, algumas pessoas pensaram que essas descobertas, se assim podemos chamar, iriam desferir um golpe de morte no magnetismo e que aconteceria como nas invenções: a mais aperfeiçoada faz esquecer a sua predecessora.

Tal erro não tardou a se dissipar e prontamente se reconheceu o parentesco próximo das duas Ciências. Com efeito, baseando-se ambas na existência e na manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar mútuo apoio: elas se completam e se explicam mutuamente.” (pág. 95)

“O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro.

Se tivermos que ficar fora da Ciência do magnetismo, nosso quadro ficará incompleto e poderemos ser comparados a um professor de Física que se abstevesse de falar da luz. Contudo, como o magnetismo já possui entre nós órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto tratado com superioridade de talento e de experiência. A ele não nos referimos, pois, senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas das duas Ciências que, na verdade, não passam de uma.” (pág. 96)

Como vemos, o Codificador da Doutrina Espírita não se calou ante as questões do magnetismo e, muito pelo contrário, fez questão de ressaltar a complementariedade que representam entre si, a ciência do Magnetismo e a Doutrina Espírita.

O uso da “corrente magnética” no tratamento das obsessões atende, pois, as recomendações de Kardec, unindo os conhecimentos de uma e outra Ciência que, “na verdade, não passam de uma”.

INDUÇÕES MAGNÉTICAS

Hernani Sant’Anna, autorizado médium assessor do atual presidente da Federação Espírita Brasileira, e que psicografou o livro “Universo e Vida” ditado pelo Espírito Áureo, entre outras obras editadas pela FEB, em seu livro “Notações de um Aprendiz” aborda o tema em dois capítulos: Induções Magnéticas (pág.122) e Interferência Eletromagnética (pág.123), dos quais recomendamos a leitura. Mas, para a nossa ilustração transcrevo o que se segue:

“Como se observa, caríssimo leitor, os técnicos terrestres começam a preocupar-se seriamente com os efeitos físicos visíveis e audíveis dos fenômenos da interferência eletromagnética. Nós, porém, estudantes atentos da Doutrina Espírita, estamos muito mais preocupados com os fenômenos da interferência eletromagnética de natureza mental, responsáveis por essa terrível epidemia de obsessões que assola multidões de pessoas em todos os quadrantes do mundo. O pensamento é, na verdade, a mais poderosa das usinas geradoras de força eletromagnética, naturalmente captável pelas outras mentes, em especial por aquelas às quais se dirige, podendo causar perturbações psíquicas sutis, porém devastadoras.

É claro que também existem interferências benfazejas, que provêm de fontes emissoras sublimadas da Espiritualidade Superior, e até mesmo das vibrações mentais de amor que alguém emite. Mas as interferências que perturbam e prejudicam são as dos pensamentos desordenados ou infelizes, sempre que sua carga destruidora não seja detida ou transformada pelos antídotos eficazes da vigilância e da oração.”

Ora, pensamos: se a Ciência Espírita moderna esclarece que as influências espirituais se realizam através de “interferências eletromagnéticas de natureza mental”, mais se justifica a utilização das “correntes magnéticas” para o atendimento dos casos em que essas interferências são negativas e atingem, como “terrível epidemia de obsessões”, uma “multidão de pessoas em todos os quadrantes do mundo”.

ANDRÉ LUÍS: NOVOS ESCLARECIMENTOS

“A CORRENTE MENTAL”

André Luís em seu livro “Mecanismos da Mediunidade” avança no tempo e indica caminhos a serem percorridos pelos estudiosos da questão. Ele não ensina nem preconiza o tratamento da desobsessão por correntes mento-eletromagnéticas (o que de resto não está no hábito dos Espíritos Superiores, que nos inspiram, mas nos deixam a tarefa e o mérito de, experimentando, encontrar os meios ⁽¹⁾, mas esclarece aspectos fundamentais sobre o funcionamento do organismo mediúnico e das correntes mento-eletromagnéticas. Assim é que selecionamos alguns trechos dessa obra para a nossa ilustração:

“O Espírito, encarnado ou desencarnado, na essência, pode ser comparado a um dínamo complexo, em que se verifica a transubstanciação do trabalho psicofísico em forças mento-eletromagnéticas, forças essas que guardam, consigo, no laboratório das células em que circulam e se harmonizam, a propriedade de agentes emissores e receptores, conservadores e regeneradores de energia.

Para que nos façamos mais simplesmente compreendidos, imaginemo-lo como sendo um dínamo gerador, indutor, transformador e coletor, ao mesmo tempo, **com capacidade de assimilar correntes contínuas de força e exteriorizá-las simultaneamente.**” (pág.49)

“A corrente, em sentido convencional, no circuito elétrico, é expedida do pólo positivo do gerador, alcançando-lhe o pólo negativo, do qual passa, por intermédio do campo interno do gerador, ao pólo positivo, prosseguindo em seu curso.

Entretanto, para que a corrente se mantenha, é imprescindível que o interruptor de manobra se demore ligado ou, mais claramente, que o circuito esteja fechado, de vez que em regime de circuito aberto a corrente não circula.

A corrente mental no circuito mediúnico equilibra-se igualmente entre a entidade comunicante e o médium, mas, para que se lhe alimente o fluxo energético em circulação, é indispensável que o pensamento constante de aceitação ou adesão do médium se mostre em equilíbrio ou, mais exatamente, é preciso que **o circuito mediúnico permaneça fechado**, porque em regime de circuito aberto ou desatenção à corrente de associação mental não se articula” (págs.56 e 57).

...”No aproveitamento da **corrente mental, no circuito mediúnico**, são necessários instrumentos receptores capazes de atender às exigências da emissão, para qualquer serviço de essência elevada, compreendendo-se, desse modo, que a corrente líquida, **a corrente elétrica e a corrente mental** dependem, nos seus efeitos, da condução que se lhes imprima” (pág.65)

O destaque, dado em negrito a certas expressões utilizadas por André Luís, nos trechos que reproduzimos acima, visa chamar a atenção do leitor para o aspecto revelador que possuem. Ao utilizá-las, portanto, nada estamos inovando, nem no uso das expressões nem na prática dos seus ensinamentos.

(1) Ver “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Capítulo XXV, “Buscai e Achareis”

CORRENTE CIRCULAR

No trabalho de desobsessão coletiva, utilizando o conceito de André Luís, acima exposto, poderíamos explicar que a corrente circular funciona da seguinte maneira:

A corrente mental no circuito mediúnico (os médiuns dão-se as mãos, formando um círculo) equilibra-se igualmente entre a entidade comunicante (os diversos Espíritos sofredores) e os médiuns. Mas, para que o fluxo magnético em circulação seja alimentado, é indispensável que o pensamento constante de aceitação ou adesão dos médiuns se mostre em equilíbrio. Ou, mais exatamente: é preciso que o circuito mediúnico permaneça fechado (os médiuns de mãos dadas em forma circular) porque em regime de circuito aberto ou desatenção à corrente de associação mental não se articula.

CADEIA MAGNÉTICA

Os cientistas pioneiros da aplicação da força magnética na cura de enfermidades orgânicas sempre utilizaram-se da expressão “cadeia magnética”.

A “cadeia magnética”, ou “corrente magnética”, define-se como a tranqüila emissão de fluidos curadores, utilizada pelos cientistas e pesquisadores, desde Mesmer, Deleuze, Alfonse Buê, Barão de Potet e muitos outros e ora excelentemente estudada por Michaelus em seu livro “Magnetismo”. De modo geral essa energia era aplicada no tratamento de enfermidades orgânicas. Nas experiências mais remotas de utilização da “cadeia magnética”, raramente encontramos referência do seu emprego nas tarefas de desobsessão.

“A ação é completamente diferente na obsessão e a faculdade de curar não implica a de libertar os obsediados” (Revista Espírita de 1866, pág.340), adverte-nos Kardec.

Conforme relata em **Missionários da Luz** (págs.289/290), no capítulo referente ao atendimento de Marinho, André Luís, manifestando surpresa pela presença no recinto de vários desencarnados sofredores, descreve a formação de extensa corrente magnética protetora da mesa consagrada aos serviços da noite, indispensável, segundo disse, para conter as entidades “perversas e recalcitrantes”.

No mesmo livro, à página 91, André Luís descreve que a corrente de força, “em certo ponto, despejava elementos vitais, à maneira de fonte miraculosa, com origem nos corações e nos cérebros humanos que aí se reuniram”. E mais adiante prossegue:

“As energias dos encarnados casavam-se aos fluidos vigorosos dos trabalhadores do nosso plano de ação, congregados em vasto número, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes, extremamente apegados ainda às sensações fisiológicas”.

Se, pois, com boa vontade e espírito desarmado, analisarmos as elucidações trazidas por Allan Kardec e André Luís, encontraremos, certamente, os subsídios necessários à compreensão dos trabalhos de desobsessão por corrente magnética.

V

PODEROSAS ENERGIAS

ENTENDENDO MELHOR

Estamos, agora, aptos a compreender que as **correntes magnéticas** ou **correntes de força**, como preferem alguns, utilizadas nos trabalhos de desobsessão coletiva, são formadas por poderosa energia mento-eletromagnética que se movimenta incessantemente atraindo entidades, formas mentais, concentrações fluídicas de diferentes matizes, espíritos em forma “ovóide”, ou mesmo formas espirituais de encarnados parcialmente desligados, pelo sono, do corpo físico.

As correntes magnéticas constituem-se, poderíamos assim descrever, um poderoso gerador que, expandindo-se na órbita das salas de tratamento, alcança os pacientes encarnados e desencarnados. A partir da emissão energética dos médiuns, aliada à corrente magnética espiritual elaborada pelos Espíritos colaboradores, forma-se um verdadeiro “redemoinho” que atrai para o seu centro os Espíritos programados ou autorizados ao socorro espiritual do momento. Esse mesmo redemoinho forma um canal magnético, pelo qual, em seguida, os Espíritos em atendimento são conduzidos às regiões espirituais de tratamento.

Ou explicando de uma forma: os Espíritos desencarnados, obsessores diretos, chefes de falanges ou de legiões, empenhados na obsessão individual ou coletiva de encarnados, por força de recíproca atração magnética estabelecida entre eles e suas vítimas, são encaminhados às salas de tratamento para onde se dirigem os pacientes. Aí defrontam-se com a força desencadeada pela corrente magnética formada pelos médiuns e ampliada pelos Espíritos colaboradores. Tal corrente, por sua vez, os atrai irresistivelmente e, em seguida, são conduzidos, através de potente “canal magnético” ou “tubo fluídico”, à colônia espiritual a que se encontra vinculada a casa espírita que os acolhe.

A comunhão estreita entre os trabalhadores dos dois planos se fortalece com as correntes mento-magnéticas espirituais, mantendo a indispensável unidade de trabalho. Todo esse processo desobsessivo de magna e complexa atividade realiza-se sob o controle e supervisão de Espíritos trabalhadores do bem e é a menor parte do trabalho aquela que se pode anotar com a visão física.

Esse “canal magnético”, ou “tubo fluídico”, denominações ora consideradas representam, nessa operação conjugada de energias ou vibrações, o caminho de ligação pelo qual os Espíritos desencarnados em atendimento são atraídos e conduzidos às colônias espirituais, onde mais adequadamente se desenvolve a tarefa de adaptação e de esclarecimento por parte dos Espíritos instrutores.

Nessa operação mento-eletromagnética, os Espíritos trabalhadores do bem, pela sua particular condição e atuando à velocidade da luz, não somente dirigem a execução dos trabalhos como, também, assistem aos médiuns fortalecendo-lhes as faculdades.

Considerando que a capacidade de concentração dos encarnados é limitada e a manutenção vibratória da corrente magnética depende da firmeza do pensamento dos médiuns, os trabalhos dessa natureza devem ser rápidos. É recomendável que o dirigente da reunião atue verbalmente no sentido de dirigir a mentalização constante da corrente magnética para que ela não seja eventualmente desativada.

É também importante observar que os atendimentos muito demorados, por outro lado, trazem ao médium uma certa perda de energia que, por ser ligada ao duplo etérico, nem sempre pode ser resposta imediatamente.

O papel dos médiuns é, na realidade, o de quem atrai e segura, por instantes e com vibrações de amor, os Espíritos que serão beneficiados pelos recursos contidos na corrente magnética e que lhes possibilitará o contato com os Espíritos trabalhadores do bem.

Como informa Agnelo Morato no livro “De Sacramento a Palmelo, só nessa última cidade, ao tempo de Jerônimo Candinho, mais de 10.000 pacientes haviam sido libertados de suas obsessões no Sanatório “Eurípedes Barsanulfo”. O sucesso do método confirma a abalizada experiência dos inesquecíveis pioneiros.

Da mesma forma, os dirigentes de trabalhos de desobsessão em centros espíritas organizados podem atender a uma grande quantidade de enfermos, num socorro que propicia a libertação dos mais terríveis processos de perseguições espirituais. Terão, com certeza, a oportunidade de ver loucos e semiloucos voltarem ao convívio social e familiar após poucas semanas de tratamento, enquanto a grande maioria dos pacientes, vítima de obsessão simples, logo se declara novamente em perfeitas condições de equilíbrio.

VI

CONTRIBUIÇÃO AO TRABALHO DE DESOBSESSÃO

OUTRAS REFLEXÕES

Creemos que o leitor atento já terá uma idéia clara do que pode representar, em termos de rapidez e eficácia, o método da desobsessão coletiva através das correntes mento-eletromagnéticas. Também acreditamos ter demonstrado que tal método, ao contrário do que alguém menos avisado poderia supor, atende às recomendações de Kardec e estende a compreensão dos ensinamentos de André Luís.

Mas há ainda algumas reflexões a fazer sobre o tema:

A primeira é o que diz respeito ao aproveitamento do corpo mediúnico de trabalho.

O desenvolvimento da psicofonia de um médium é trabalho por vezes demorado. Vencer a insegurança de muitos, equilibrá-los para o bom exercício da faculdade, exige cuidados e atenções muito especiais, além do tempo necessário à fixação dos novos conhecimentos.

Em muitos casos de mediunidade psicofônica espontaneamente desenvolvida, esses médiuns são levados ao trabalho antes mesmo de poderem verificar as suas convicções e disposição para o trabalho sacrificial da mediunidade.

Em trabalho, e pela natureza mesmo da faculdade, de modo geral, o médium passa a ter uma atuação de destaque entre os companheiros que não alcançaram ainda o mesmo estágio, fato que em muitos casos traz sérios riscos. Entre eles podemos chamar a atenção para a possibilidade de o médium ainda despreparado ver-se envolvido pela vaidade e sucumbir ao assédio de Espíritos inimigos da causa espírita, bem como de pacientes encarnados menos esclarecidos que passam a ver nele a possibilidade de resolverem seus problemas.

Nos trabalhos de desobsessão por corrente magnética, não há necessidade do desenvolvimento da psicofonia, uma vez que as passagens são rápidas e o esclarecimento das entidades comunicantes é feita pelos Espíritos. O médium é um elo importante da corrente, mas não tem nenhum destaque individual, o que no trabalho mediúnico sempre representa uma proteção.

Assim, pode-se obter um grande número de colaboradores muito eficazes sem submetê-los às dificuldades que encontram os “destaques mediúnicos”.

Nos centros espíritas que utilizam esse método, o iniciante é convidado a freqüentar cursos de esclarecimento doutrinário ao mesmo tempo em que é amparado em suas faculdades mediúnicas, em caso de necessidade, através do próprio tratamento de desobsessão por corrente magnética. Depois de bem adaptado às normas da casa e razoavelmente instruído sobre a Doutrina Espírita, tem acesso ao desenvolvimento mediúnico propriamente dito. Aí, sob a orientação de trabalhadores mais experientes, tem avaliada sua aptidão para o trabalho em corrente magnética. O desenvolvimento da psicofonia é oferecido mais tarde, quando o trabalhador já pôde demonstrar para a direção do centro espírita e para si mesmo, em especial, que a sua opção pelo Espiritismo é baseada em convicções firmes e que dispõe de tempo e vontade para os compromissos mais definitivos na área de orientação dos trabalhos da casa.

Sobre os perigos a que estão sujeitos os médiuns em evidência, destacamos trabalho publicado pelo **Reformador** de novembro de 1988, sob o título “Evidenciação de Médiun”, de autoria de Umberto Ferreira, do qual selecionaremos alguns trechos:

“Ainda são poucas as pessoas que não estão sujeitas a quedas quando colocadas em evidência. Os médiuns correm esse perigo. Praticamente não existe na Terra um que suporte, sem maiores problemas, o peso da fama. E poucas são as pessoas que se conhecem bem para saber como reagiriam diante dessas situações. Quase todos pensam que não teriam maiores dificuldades, mas nem sempre conhecem o risco que correm.

Vaidade, ambição, poder e sexo estão entre as principais causas de quedas, porque os Espíritos obsessores inteligentes sabem que é mais difícil para o ser humano resistir aos arrastamentos nesse campo. Eles estudam os pontos fracos dos médiuns e os exploram com habilidade. Para isso se valem de outras pessoas invigilantes a fim de envolvê-los até que passem a obedecer integralmente ao seu comando.

Infelizmente mesmo alguns espíritas mais antigos se deixam empolgar pelo fenômeno mediúnico e contribuem para exaltar a faculdade mediúnica de determinados médiuns.

Quando em evidência, o médium tem de enfrentar dois inimigos fortes: as suas próprias imperfeições e os adversários desencarnados da causa espírita-cristã. Os primeiros são os piores, porque dependem exclusivamente do próprio médium. A proteção espiritual resolve pouco nesse caso”.

E mais adiante:

“Os espíritas mais experientes não podem contribuir para colocar o médium em evidência. O seu papel deve ser o de orientá-lo no sentido de estudar e praticar a humildade e, pelo menos no início da tarefa mediúnica, conservar-se no anonimato”.

Um outro aspecto a ser considerado é o que diz respeito à “doutrinação” dos espíritos obsessores.

A Doutrina Espírita ao expandir a nossa compreensão ante os fatos da vida, chama-nos a atenção para a “autoridade moral”, imprescindível no mundo dos Espíritos para que alguém possa exercer uma ação reformadora sobre os outros.

No plano físico da existência terrestre, protegidos pela densidade da matéria, o homem pode esconder da sociedade os seus pequenos defeitos e, muitas vezes, até seus grandes vícios e crimes. Tal, entretanto, não é possível entre os Espíritos, para os quais a realidade se apresenta sem máscaras ou artifícios.

No exercício do papel de “doutrinador”, o trabalhador consciente muitas vezes há de ter perguntado a si próprio se estaria investido dessa autoridade moral que renova, por si, os corações e as mentes tumultuadas. Terá, talvez, um dia, após deixar o recinto da casa espírita e de ali ter aconselhado os espíritos recalcitrantes no mal a mudarem seu comportamento, surpreendendo-se num gesto qualquer que contrariava os próprios ensinamentos que ministrara.

Tal fato não invalida a ação do trabalhador que, em reconhecendo sua fraqueza, deve recomeçar, sempre com a intenção de corrigir-se. Mas é bom lembrarmos que se o erro é esperado e aceitável, dentro do nosso processo evolutivo, pelos Espíritos superiores é, entretanto, motivo de descrédito para aqueles que, menos esclarecidos, foram por nós admoestados.

Francisco Figner, figura querida por quantos com ele conviveram e que exerceu na Federação Espírita Brasileira as funções de Vice-Presidente e Conselheiro, no livro **Voltei** que transmitiu sob o pseudônimo de Irmão Jacob, sob a psicografia de Francisco Cândido Xavier (Ed. FEB), relata-nos a situação constrangedora por que passou, no mundo espiritual, quando encontrou-se com um Espírito que havia doutrinado, quando encarnado, em sucessivas reuniões:

“ Diante do temível algoz e sob sua zona de influência, sem o concurso de médium, qual se verificava nas doutrinações de outro tempo, tive o impulso de adiar a experiência. Não seria melhor que eu me fortalecesse mais?

Ornelas⁽¹⁾, no entanto, com o olhar severo, impediu-me o recuo e, pousando a destra sobre minha fronte, aconselhou-me a prosseguir, prometendo inspirar-me nas observações convenientes.

Mantive-me seguro e fixei destemorosamente o obsessivo. Percebendo-me a decisão o infeliz recolheu os punhos cerrados com que me afrontava, colérico.

Entrementes, a colaboração magnética de Ornelas me alimentava, causando-me grande reconforto.

Foi assim o meu primeiro diálogo, após a morte, com um Espírito desviado do bem:

- Meu irmão – disse-lhe emocionado – não se resolve a libertar nosso amigo doente, já de si mesmo tão miserável?

E você, nem mesmo depois de “morto” desiste de me apoquentar? – revidou o obsessivo, raivoso.

- Sim, não desisto porque quero ser seu amigo e desejo trazer-lhe o espírito para a luz.

Mas não lhe vejo luz alguma. Como quer você dar o que não tem?...

A alegação chocou-me e, por pouco, não fugi ao entendimento; contudo, a mão vigorosa de Ornelas me amparava e respondi:

- Trabalhei sinceramente no bem até que a Vontade do Senhor me ilumine a alma.

O perverso interlocutor riu-se, desrespeitoso, e prosseguiu:

- Por que insiste? Não adiantará nada...

- Fora da caridade não há salvação – retruquei, confiante.

- Não julga ser nosso dever auxiliar o companheiro de mente enfermiça, ainda ligado ao corpo terrestre? Não lhe conhece a família respeitável e sofredora?

- Ora, Jacob – falou-me, contundente -, você se refere à caridade com tanta segurança...

- Como não? Que será de nós sem a prática do bem?

(1) Espírito instrutor que o acompanhava.

- Ao que me consta – exclamou sarcasticamente -, você na Terra dava grande preferência ao dinheiro, estimava profundamente a própria fortuna...

Nas minhas reações de “homem velho” quis dizer-lhe que era mais justo amar o próprio dinheiro que os bens alheios; todavia, a expressão fisionômica de Ornelas me susteve a frase de autodefesa e, ao invés de proferi-la, acentuei com serenidade:

- Recebi as vantagens materiais hauridas no esforço digno, tal como o mordomo detém consigo, transitoriamente, as dádivas do Senhor. O que o Todo-Poderoso me confiou já restituí, de consciência feliz, aos seus sábios desígnios.

O verdugo fez um esgar de ódio e voltou a comentar:

- Não lhe reconheço autoridade para conselhos. Você foi sempre um homem áspero, indisciplinado, voluntarioso. Muita vez, acabava de apontar-me o bom caminho para seguir a estrada contrária. Agora quer ser apóstolo...

Marcou um gesto ridículo, a fim de torturar-me e continuou:

- Frequentemente, após deixar os aparelhos mediúnicos através dos quais trocávamos idéias, eu lhe seguia os passos, discreto, e notava que você não agia de conformidade com os próprios ensinamentos.

Semelhantes frases, ditas à queima-roupa, desconcertavam-me.

Ruborizei-me, envergonhado; todavia, Ornelas garantiu-me a firmeza de ânimo.

- Sim – concordei – reconheço as minhas fraquezas. Entretanto, sincero é o meu desejo de renovação e melhoria.”

Eis aí, prezado leitor, o testemunho contundente dado por um grande trabalhador da Doutrina. Esse depoimento alerta-nos para os efeitos que as nossas mínimas ações podem causar naqueles a quem pretendemos ajudar e, se é evidente que procuramos dar o melhor de nós próprios, também é evidente que esse melhor nem sempre é suficiente, quando analisamos as nossas imperfeições.

Na desobsessão por corrente magnética, o trabalho de esclarecimento aos obsessores é entregue a quem detém autoridade moral para fazê-lo, ou seja, aos Espíritos trabalhadores do bem, autorizados pelas forças superiores da vida. É fácil deduzir que os efeitos de tal providência serão muito mais produtivos.

Essa atitude não representa, entretanto, um sinal de covardia ou abandono de responsabilidade por parte dos encarnados. Nos trabalhos de equipe, a boa divisão das tarefas assegura grande parte do sucesso. Do lado de cá há muita coisa a fazer e se muitas vezes não possuímos o crédito necessário para exercer uma função, existem outras de igual valor e importância que necessariamente devem ser executadas por nós. Alimentar a corrente magnética com fluidos humanos regeneradores, impregnados pelo sentimento de fraternidade, é atitude indispensável para que os bons Espíritos possam mais rapidamente, por seu turno, agir em benefício dos sofredores.

VII

NO APRENDIZADO CONSTANTE

OBSERVAÇÕES FINAIS

Por muitos e longos anos dedicamo-nos aos trabalhos de desobsessão individual nos moldes mais conhecidos, participando de grupos diversos empenhados na tarefa de esclarecimento a encarnados e a desencarnados.

Ao longo do tempo, com a experiência e os novos conhecimentos adquiridos, passamos a adotar o sistema da desobsessão coletiva através de corrente magnética.

Inicialmente adotamos a formação da corrente paralela para depois nos fixarmos na corrente circular que entendemos responder com maior eficácia ao atendimento dos pacientes.

Na União Espírita de Jacaraípe, em funcionamento há apenas 5 anos, no ano de 1992, foram realizadas 53 reuniões para tratamento de obsessões, com o atendimento médio de 30 pacientes, em cerca de 20 a 25 minutos, após rápida preparação evangélica.

Nossa atividade, porém, como de regra nos centros espíritas que conhecemos e que utilizam o método, não se limita à desobsessão coletiva. Mantemos um especializado grupo que participa, nos casos mais graves, como subjugação e possessão, do atendimento individual, sempre utilizando a corrente circular.

Nesse casos, quando necessário, faz-se uma rápida doutrinação das entidades comunicantes. Na maioria das vezes, entretanto, o poder magnético da corrente circular, composta por médiuns habilitados, funciona com tal intensidade vibratória que permite a passagem dos principais Espíritos responsáveis pela obsessão e sua imediata condução à colônia espiritual à qual se liga o centro a que pertencemos.

Após essas reuniões de trabalho, os médiuns portadores de vidência podem relatar (e o fazem frequentemente, para o esclarecimento e estímulo dos outros médiuns participantes, e após a saída dos pacientes), suas observações sobre o andamento dos trabalhos e os efeitos da sintonia entre os dois planos. As orientações sobre os pacientes, quando eventualmente dadas pelos mentores ao médium vidente que auxilia no andamento dos trabalhos, são comunicadas reservadamente ao dirigente, com vistas à preservação da privacidade de cada um.

É norma que o paciente não seja informado sobre a condição ou característica dos Espíritos ligados ao seu problema para que não sejam fortalecidos os laços mentais que porventura os unam.

Também mantemos trabalhos específicos para o atendimento de crianças, com as melhores atenções à sua delicada sensibilidade.

A projeção mental de cores benéficas, como o azul, o verde, o amarelo dourado e o branco prateado é usada pelos médiuns da corrente sob a condução do dirigente dos trabalhos.

Sobre a utilização da projeção mental de cores, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para a utilização da cromoterapia, ou seja, a aplicação da luz em cores, nos tratamentos das mais diversas enfermidades. Para os interessados no assunto recomendamos a leitura dos livros de René Nunes, que desenvolveu notável trabalho de pesquisa sobre o tema.

Podemos atestar os efeitos salutaros da cromoterapia adotada pelo **Grupo Espírita Regeneração, a Casa dos Benefícios**, em Goiânia, sob a direção do Dr. Joel Santana. Também ressaltamos os bons resultados obtidos, em pacientes crônicos, com a aplicação de passes magnéticos associados, por projeção do médium passista, à mentalização de cores. Tal trabalho de sintonia entre os planos físico e espiritual é desenvolvido pelo **Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec**, sob a direção de Gilson Jr. e Erly F. Henriques.

A desobsessão coletiva, a cromoterapia mediúnica e espiritual propriamente dita, os tratamentos pela associação do magnetismo humano e espiritual, a moderna transcomunicação instrumental, entre outras iniciativas, representam desafio atual aos estudiosos e experimentadores nos amplos domínios da Doutrina Espírita.

Eis aí, prezado leitor, as observações desprezenciosas que nos propusemos divulgar, sem nenhuma outra intenção senão aquela de cooperar com os que, nas lides espíritas, se vêem tocados pela dor dos nossos irmãos, encarnados e desencarnados, envolvidos nos processos de obsessão.

O trabalho é compensador. A alegria de contribuir, com nossa atuação modesta, no reequilíbrio de jovens, crianças e adultos é imensa. Ver um sorriso em um rosto antes torturado, casais novamente felizes e dispostos a bem cumprir suas tarefas, jovens trabalhando em favor da coletividade são resultados que alimentam o trabalhador dedicado que encontra na Doutrina Espírita a certeza de que a felicidade individual não está dissociada do bem-estar do próximo.

VIII

SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS PARA O TRATAMENTO DA OBSESSÃO

ATRAVÉS DA CORRENTE MAGNÉTICA

Aqui, prezado leitor, tentaremos apresentar uma síntese dos comportamentos usualmente utilizados pelos que trabalham com o método de correntes mento-eletromagnéticas na desobsessão. A intenção é de fornecer um roteiro simples para os que desejem aplicá-lo, sem, entretanto, indicar normas rígidas. Trata-se, apenas, de uma sugestão, evidentemente baseada na experiência colhida, por muitos, em largos anos de trabalho. Mas cada um, usando naturalmente o bom senso, pode fazer as modificações necessárias às suas possibilidades. Três são os passos mais importantes que buscaremos detalhar: a entrevista, a reunião pública e a reunião de tratamento, sendo essa última dividida em dois itens, qual sejam o procedimento a ser adotado com os pacientes e com os médiuns.

1. A ENTREVISTA

Em dia e hora previamente marcados (às segundas-feiras, às 19 horas, por exemplo), os candidatos ao tratamento são recebidos para uma entrevista, onde relatam as suas dificuldades e recebem as primeiras orientações.

Além da palavra amiga relacionada com a situação peculiar de cada paciente, todos recebem, por escrito, as seguintes orientações:

- a) fazer preces todos os dias, em especial de manhã, ao despertar, e à noite, antes de dormir;
- b) ler diariamente um trecho de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, se possível em voz alta (para beneficiar, também, os Espíritos sofredores);
- c) nos dias de tratamento, fazer uma alimentação leve, evitando comer carne;

- d) evitar ou diminuir o fumo nos dias de tratamento e não comparecer se fizer uso de bebidas alcoólicas;
- e) trazer, no dia da reunião pública de evangelização, uma pequena garrafa com água pura para ser fluidificada, a qual deverá ser tomada todos os dias em pequenas doses;

O candidato ao tratamento recebe, também, uma ficha indicando os dias e o horário em que deverá comparecer e a data de retorno.

De modo geral os pacientes são orientados para comparecer durante 3 semanas, nas seguintes reuniões:

- a) reunião pública sobre o Evangelho, com posterior aplicação de passes magnéticos;
- b) reunião para o tratamento por correntes magnéticas.

O paciente é convidado a retornar após essa primeira série de tratamento para uma segunda avaliação. No caso de persistirem sintomas de influenciação, recomendar-se-á uma nova série de tratamento. Em caso de melhora, os pacientes serão aconselhados a assistirem livremente as reuniões públicas e estimulados a matricularem-se nos cursos oferecidos, pela Casa, aos iniciantes na Doutrina Espírita.

São também esclarecidos sobre a necessidade de comparecerem no horário determinado e da impossibilidade de participarem de qualquer reunião em caso de atraso.

Os entrevistadores são selecionados entre os médiuns mais experientes da casa, que são alertados para manterem um comportamento discreto e não comunicarem aos pacientes as eventuais vidências que tenham sobre o caso, na certeza de que são, apenas, um auxílio para os que orientam. Alertam-nos os Espíritos para a importância da vibração de amor e fraternidade que o entrevistador deverá emitir nesses momentos, muitas vezes mais eficazes do que qualquer palavra que possamos dizer.

2. A REUNIÃO PÚBLICA

O procedimento, nas reuniões públicas é o normalmente adotado em todos os centros espíritas:

- a) após a prece inicial faz-se a exposição do tema evangélico da noite. Recomenda-se que esta parte do trabalho não exceda aos 40 minutos;
- b) em seguida, os pacientes são encaminhados ao passe individual que pode ser ministrado na própria sala de reunião pública ou em outra apropriada.

Preferimos, entretanto, em qualquer dos casos, que os pacientes só sejam dispensados após o encerramento coletivo dos trabalhos. Essa providência evita movimentações desnecessárias e elimina o constrangimento que pode causar um paciente desejoso de ser atendido antes de outro. Além disso, garante-se um ambiente tranquilo e harmonioso até o final da reunião.

A reunião, considerando as suas primeira e segunda partes, não deve ultrapassar 1 hora de duração, para evitar o cansaço de seus participantes, na compreensão de que os bons Espíritos trabalham em grande velocidade.

3. REUNIÃO DE TRATAMENTO DA OBSESSÃO

3.1 Procedimento com os pacientes:

- a) os pacientes são reunidos em uma sala onde, à hora exata, é feita a prece inicial;

- b) um expositor e dirigente dessa sala faz uma pequena preleção evangélica ou estudo sobre as razões que levam à obsessão e meios de combatê-la, sob a luz da Doutrina Espírita⁽¹⁾. Nesses momentos, num clima de respeito e seriedade, os pacientes podem fazer perguntas e manter com o dirigente um diálogo informal mas instrutivo. A duração dessa etapa não deve ultrapassar os 40 minutos.
- c) após essa etapa faz-se uma preparação para o tratamento. Prece e recolhimento. Em seguida os pacientes são encaminhados, em fila ordeira e silenciosa, para a sala onde estão reunidos os médiuns⁽²⁾;
- d) os pacientes são colocados, em pé ou sentados, de costas para os médiuns, para não ficarem observando as reações mediúnicas. Após as passagens, retornam para a sua sala⁽³⁾;
- e) de volta à sala de origem, os pacientes podem, dependendo do tempo disponível, dirimir algumas dúvidas com o dirigente, que poderá, sempre, transmitir palavras de estímulo e esperança para todos. Em seguida faz-se a prece de encerramento.

3.2 Procedimento com os médiuns

A preparação dos médiuns e do ambiente deve sempre seguir as recomendações feitas por André Luís no livro “Desobsessão” (psicografia de Francisco Cândido Xavier, Editora FEB). Entretanto, para facilitar, listaremos algumas providências interessantes para a especificidade desse trabalho:

a) a sala de trabalho dos médiuns deve estar previamente arrumada. Cadeiras em igual número ao dos médiuns “de corrente” que participarão do trabalho devem estar dispostas em círculo, para evitar a movimentação e barulhos desnecessários. Outras tantas, para os médiuns passistas, devem ser providenciadas de modo a não atrapalhar seu deslocamento na hora do trabalho.

b) se for necessário, por falta de espaço, os médiuns podem assistir à preparação feita com os pacientes. Melhor, entretanto, que a façam na própria sala em que se reunirão para a formação da corrente magnética. Após a prece inicial, podem fazer pequeno estudo sobre o Evangelho ou sobre a mediunidade.

c) após o estudo, os médiuns, se for este o caso, dirigem-se para a sala onde será feito o tratamento. Se já nela estiverem, faz-se uma nova prece;

d) inicia-se a formação da corrente magnética. Os médiuns dão-se as mãos;

e) o dirigente, através de suas palavras, procura unir os pensamentos de todos, propondo a criação da corrente mental a 60 centímetros acima de suas cabeças, em forças de luz, da seguinte maneira:

e) 1: o dirigente propõe aos médiuns (da corrente e passistas) que mentalizem a formação de uma faixa luminosa na tonalidade amarelo-dourado; para tanto, solicita que cada um projete energias do seu chacra cardíaco com vibrações de amor e fraternidade;

(1) Em centros maiores como o Centro Espírita “Fraternidade Allan Kardec”, os pacientes depois da primeira série de tratamento em que recebem esclarecimentos sobre o que é a obsessão, suas causas e os meios de combatê-la, são separados em salas diferentes, de acordo com o tipo de problema que enfrentam, como por exemplo, mediunidade, família ou vícios, de modo a facilitar a sua orientação.

(2) No Centro Espírita “Fraternidade Allan Kardec”, que já conta com vasta experiência nesse campo, os pacientes permanecem em sua própria sala, considerando que as paredes materiais não constituem barreiras para as correntes magnéticas. Para manter a unidade de comando e sincronia entre as salas utiliza-se um serviço de som ou, de outra forma, todos obedecem a horários previamente combinados, com grandes e proveitosos resultados.

(3) No caso de pacientes que permanecem em suas próprias salas, o dirigente deve orientá-los para manterem-se em prece durante o tempo estabelecido para a sintonia com o trabalho mediúnic.

e) 2: pede, em seguida, a mentalização de uma faixa luminosa verde-claro brilhante, sobrepondo-se à primeira. Essa faixa verde é constituída de energia trazida pelos mentores da Natureza;

e) 3: o dirigente, dando continuidade, solicita a mentalização da terceira faixa luminosa, sobrepondo-se à segunda, na tonalidade branco prateado. Tal faixa, representando a energia espiritual superior, é trazida do mundo maior pelos mentores. Ela completa e dá o equilíbrio final à corrente mento-eletromagnética;

f) antes da entrada dos pacientes, faz-se algumas “passagens”, com o objetivo de bem equilibrar os médiuns;

f) 1: as “passagens” são feitas pelo comando do dirigente que, a breves intervalos, diz:

- Passem... Passem...

Sentindo que as entidades programadas foram atendidas, diz:

- Sigam, em nome de Jesus! Sigam, na paz do Senhor...-, procurando impregnar suas palavras com amor e autoridade.

Poucos segundos são suficientes para um bom atendimento, e as passagens podem ser repetidas;

g) ambiente tranqüilo, permite-se a entrada dos pacientes. O dirigente solicita aos pacientes que mentalizem a figura do Senhor Jesus. Os médiuns passistas aproximam-se para dar o apoio magnético à corrente e aos pacientes. Procedem-se às “passagens”, em geral em número de três, pedindo o dirigente que os pacientes mentalizem consecutivamente e, a cada vez, a si próprios, o seu lar e o ambiente do seu trabalho. Em seguida, são encaminhados de volta às suas salas. Se for identificada a necessidade extraordinária de algum paciente, esse pode permanecer na sala para um atendimento individual;

h) após a saída dos pacientes, o dirigente comanda novas passagens para o socorro dos espíritos necessitados remanescentes;

i) solicita-se a mentalização da luz azul, clara e brilhante, como fonte energética de equilíbrio e paz, a fim de restabelecer a harmonia do ambiente;

j) permite-se a entrada de novos pacientes, obedecendo-se aos mesmos critérios até o atendimento de todos.

l) prece final de agradecimento e encerramento.

OBS: Durante o atendimento, o dirigente deve, sempre que necessário, lembrar aos médiuns de mentalizarem a corrente magnética, em suas três faixas, para fortalecê-la. Também deve incentivá-los a manterem o controle das manifestações que em nenhum caso deve ser barulhentas⁽¹⁾. A simples advertência: - Médiuns, controle mediúnico!-, traz muitos bons resultados.

⁽¹⁾ Em geral, os médiuns ainda não habituados ao trabalho em corrente magnética inclinam-se a permitir que o Espírito sofredor, em passagem pela corrente, se manifeste. Com a orientação do dirigente de que ele pode auxiliar o Espírito sem permitir que esse fale ou gesticule, pode-se conseguir o ideal, que é um trabalho silencioso e tranqüilo, sem cenas que constrojam ou atemorizem os pacientes.

Prezado leitor,

Foi com muita satisfação que entreguei aos seus cuidados e à sua análise esse resumo das nossas experiências no campo da desobsessão coletiva. Esperamos que lhe possa ser útil. Sabemos que aqui e ali poder-se-ão apontar falhas ou esquecimentos que certamente poderemos corrigir, com o auxílio de suas observações, numa próxima edição. Tenha, entretanto, a certeza de que coloquei nessa tarefa todo o meu coração e boa vontade.

Paz com todos!

GILSON DE MENDONÇA HENRIQUES